

Sobre a gênese do cristianismo: Jesus e o instinto judeu¹

On the genesis of Christianity: Jesus and the jewish instinct

*Robione Antonio Landim**

Resumo: Nietzsche em sua apreciação filosófica do cristianismo apresenta-o, no seu texto *O Anticristo* (1895), como uma continuação do instinto judeu. Esse é o solo a partir do qual se origina, segundo Nietzsche, o cristianismo. Não como antítese ou negação do judaísmo, mas como sua consequência lógica. Nesse sentido, compreender a questão da gênese do cristianismo se mostra importante na medida em que ela propicia a compreensão acerca da figura histórica de Jesus. Nessa perspectiva, o presente artigo, num primeiro momento, intenta apresentar a interpretação geral da história de Israel que Nietzsche empreende, explicitando o que ele entende por instinto judeu, para em seguida, tematizar como esse entendimento implica na sua concepção da figura histórica de Jesus de Nazaré.

Palavras-chave: Nietzsche. Instinto judeu. Cristianismo. Jesus de Nazaré.

Abstract: Nietzsche in his philosophical appreciation of Christianity presents it in his text *The Antichrist* (1895), as a continuation of the Jewish instinct. This is the soil from which, according to Nietzsche, Christianity originates. No antithesis or negation of Judaism, but as a logical consequence. In this sense, understanding the question of the genesis of Christianity proves important in that it provides insight about the historical figure of Jesus. From this perspective, this article, at first, tries to present a general interpretation of Israel's history that Nietzsche undertakes, explaining what he meant by Jewish instinct to then thematize how this understanding implies the conception of the historical figure of Jesus of Nazareth.

Keywords: Nietzsche. Jewish instinct. Christianity. Jesus of Nazareth.

1. INTRODUÇÃO

Nietzsche compreende a história de Israel como pano de fundo para sua compreensão do cristianismo. Para ele, a história do povo de Israel tem inestimável valor paradigmático como história da desvalorização dos “valores naturais”. Nesse sentido, como uma continuação do instinto judeu, o cristianismo é evidenciado

¹ Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

*Graduado em Filosofia e Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: <ralandim@yahoo.com.br>.

enquanto religião que historicamente degradou a verdadeira natureza do homem, contaminada pela falsa moral da superação dos instintos. Por isso, ele é computado também como religião decadente.

Uma vez que o cristianismo se encontra de mãos dadas com o povo judaico, de onde ele se originou, procuraremos entender porque o cristianismo é apresentado como um olhar cansado e ressentido para com a vida.

Dispostos, portanto, a estudar como o autor de *O Anticristo* entendeu e como ele viu o sentido e a ação do cristianismo sobre a história e a cultura ocidentais, temos ciência de que este trabalho não esgota a discussão sobre o tema, mas quer se oferecer como uma ferramenta adequada em vista da compreensão da filosofia nietzschiana a respeito da gênese do cristianismo, bem como de sua compreensão acerca da figura histórica de Jesus. Nessa perspectiva, o presente artigo, num primeiro momento, intenta apresentar a interpretação geral da história de Israel que Nietzsche empreende, explicitando o que ele entende por instinto judeu, para em seguida, tematizar como esse entendimento implica na sua concepção da figura histórica de Jesus de Nazaré.

2. Jesus e o instinto judeu

Considerado um dos mais provocativos e controvertidos pensadores do nosso tempo, Nietzsche é um dos grandes mestres da suspeita, que denuncia a cultura em vários de seus aspectos fundamentais, como a moral, a metafísica, assim como as artes, a política, sobremaneira à religião cristã. Em sua apreciação filosófica do cristianismo apresenta-o, no seu texto *O Anticristo* (1895), como uma continuação do instinto judeu. A Igreja Cristã deu continuidade ao fenômeno judaico de contradição dos valores naturais, de falsificação e perversão da natureza, da realidade, do mundo. Sobre isso afirma: “o cristianismo pode ser entendido unicamente a partir do solo em que cresceu – ele *não* é um movimento contra o instinto judeu, é sua própria consequência...” (NIETZSCHE, 2007, §24, p. 29). Se o cristianismo é consequência do instinto judeu, como Nietzsche entende esse povo singular?

A compreensão nietzschiana acerca do povo judeu confere a história de Israel como uma história típica da *desnaturação* dos valores (NIETZSCHE, 2007, §25, p. 30), isto é, falsificando tudo aquilo que era natural, invertendo todas as condições possíveis

que eram permitidas para um povo se viver. No entanto, Israel também teve seu tempo de integridade de forças vitais, que coincide com o período do reinado. Nesse tempo, Javé, o Deus de Israel refletia a força, o orgulho do povo hebreu, simbolizava a fortaleza brotada da união do povo. Como Deus dos exércitos, Javé era capaz de ajudar e prejudicar, de ser amigo e inimigo, podendo ser admirado nas coisas boas e nas más. Ele “era expressão da consciência de poder, da alegria consigo, com ele confiava-se na natureza, que trouxe o que o povo necessitava – chuva principalmente” (NIETZSCHE, 2007, §25, p. 30). Enfim, Javé era tido como a vontade de poder que outrora representava a força do povo de Israel. Não havia, portanto, diferença ou distância entre o Deus e seu povo.

Um povo que ainda crê em si tem ainda também seu próprio deus. Nele reverencia as condições que o fizeram prevalecer, as suas virtudes – projeta seu prazer consigo, seu sentimento de poder, num ser ao qual se pode agradecer. Quem é rico quer oferecer; um povo orgulhoso precisa de um deus para *sacrificar*... Religião, nesses pressupostos, é uma forma de gratidão. É-se grato por si mesmo: para isso precisa-se de um deus (NIETZSCHE, 2007, §16, p. 21).

Todavia, essa unidade entre Javé e Israel foi cortada, sobretudo por motivos de desorganização interna e pressão externa, como a invasão dos assírios. De acordo com Oswaldo Giacoia Júnior (1997, p. 55) a dissolução dos costumes e a perda da soberania nacional fez com que Israel, para sobreviver como nação separada sob as mais desfavoráveis condições, renunciasse a existência como Estado.

[...] quando um povo está perecendo; quando sente que se esvanece definitivamente a fé no futuro, sua esperança de liberdade; quando a sujeição lhe aparece na consciência como a primeira vantagem, e as virtudes dos sujeitos como condições de conservação, também seu deus *tem* de mudar [...]. Ele moraliza continuamente [...](NIETZSCHE, 2007, §16, p. 21).

Nessa mudança Javé não mais representa o amor próprio de um povo, senão um conceito que se tornou instrumento nas mãos dos sacerdotes que passam a interpretar toda a grandeza e toda a força humana como sobre-humanas, como estrangeiras ao homem.

Os sacerdotes realizaram esse milagre de falsificação, cujo documento é boa parte da Bíblia: com inigualável desprezo por toda tradição, por toda realidade histórica, *traduziram em termos religiosos* o próprio passado de seu povo, ou seja, fizeram dele um estúpido mecanismo salvador, de culpa em relação a Javé e castigo, de devoção a Javé e recompensa [...]. Que existe, de uma vez por todas, uma vontade de Deus quanto ao que o homem tem e não tem de fazer; que o valor de um povo, de um indivíduo, mede-se pelo tanto que a vontade de Deus é obedecida; que nas vicissitudes de um povo, de um indivíduo, a vontade de Deus mostra ser *dominante*, isto é, punitiva e recompensadora, segundo grau da obediência (NIETZSCHE, 2007, §26, p. 32).

A partir dessa reconstrução nacional, o sacerdote tornou possível a instauração e conservação de seu próprio domínio e ascendência. Por conseguinte, Deus aqui já não é a continuidade de um povo, mas é elevado para distante deste povo. Ora, se antes Javé significava a expressão de poder do povo de Israel, agora, porém, o conceito de Deus foi falseado, seu sentido foi desnaturado, moralizado - moral não mais como expressão das condições de vida e crescimento de um povo, não mais como seu mais básico instinto de vida, mas sim tornada abstrata, antítese da vida. Destacado do povo Deus deixa de ser a expressão religiosa da autoconsciência de seu “povo eleito” e passa a figurar como credor supremo, cujo sagrado direito foi lesado pela infidelidade de seus súditos que, ao romperem a aliança, foram merecedores de castigo (GIACOIA JUNIOR, 1997, p. 58).

A partir de então as coisas todas da vida se acham tão ordenadas que o sacerdote é indispensável em toda parte e o que era costume natural, tido como ocorrências naturais da vida, como a assistência de enfermos e pobres, enfim, tudo aquilo que era exigência inspirada pelo instinto da vida torna-se sem valor natural, para ser santificado, resultado de uma sanção, de um princípio supremo. Na medida em que a glória passada converteu-se em um castigo, a obediência irrestrita ao domínio da casta sacerdotal surge como condição para a obtenção de uma recompensa futura². Na

² “A mentira sagrada inventou assim um Deus que *pune e recompensa*, que aprova, em todos os detalhes, o livro de leis do sacerdote e que os envia, exatamente, como seus porta-vozes e procuradores no mundo; - um *além da vida*, no qual somente se pensa efetiva a grande máquina-punitiva, - a esse fim serve a *imortalidade da alma*; - a *consciência moral* [Gewissen] no homem, ser consciente daquilo que institui bem e mal, - que Deus em pessoa fala aqui, quando ela aconselha a conformidade com a prescrição sacerdotal; - a *moral como negação* de todo processo natural, como redução de todo acontecer a um acontecer moralmente condicionado, o efeito moral (isto é, a ideia de recompensa e punição) como o que perpassa o mundo, como uma força isolada, como *creator* de toda mudança; - a *verdade* como algo

perspectiva nietzschiana, quando a casta sacerdotal eliminou do mundo, com o conceito de um deus punidor e recompensador, a causalidade natural, inseriu-se, então, uma causalidade *antinatural*. Em outras palavras, Deus foi distanciado do povo, enviado para o reino do sobrenatural, tornando-se a causa primeira para todos os efeitos advindos ao mundo.

O sacerdote se torna o centro de poder desse povo, busca conseguir valer como o mais elevado tipo de homem. Para tanto, numa sociedade que se organiza em torno ao sacerdote “os ‘pecados’ são imprescindíveis: são autênticas alavancas do poder, o sacerdote *vive* dos pecados, ele necessita que se peque... Princípio supremo: “Deus perdoa quem faz penitência” – em linguagem franca: *quem se submete ao sacerdote*” (NIETZSCHE, 2007, §26, p. 33). Portanto, todo ato de desobediência é transformado em pecado, que por sua vez, é um comportamento de ofensa a Deus, segundo o sacerdote. No bojo dessa reinterpretação do passado histórico de Israel, o domínio da casta sacerdotal é interpretado como a Lei e a “Vontade de Deus”. Quer dizer que, segundo Nietzsche, a chave para o entendimento da “vontade de Deus” está no sacerdote, o grande manipulador do conceito de Deus. Uma vez que os sacerdotes tornaram-se representantes da vontade divina, suas palavras passaram a ser temidas. Sendo assim, na visão do autor, “o *sacerdote* abusa do nome de Deus”(NIETZSCHE, 2007, §26, p. 33), de modo que ele [o sacerdote] passa a ser a medida de todas as coisas e, também, indispensável em toda parte.

A casta sacerdotal mantém o domínio sobre todos, “obedecendo” só a “Deus”. Por outro lado, todo aquele que não se submetia ao seu poder passou a ser considerado como “fora da lei”, isto é, “pecador”. Nesse ponto de vista, pecar é confrontar-se com o poder dominante do sacerdote. A este se opunha tudo o que se mostrava forte e nobre, isto é, aqueles juízos que possuíam “[...] uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve a sua conservação: guerra, aventura [...] e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre, constante” (NIETZSCHE, 1998, I, §7, p. 25).

De acordo com Nietzsche, o cristianismo cresceu nesse ambiente marcado pela desvalorização da realidade e pela presença do pecado. Ou seja, na medida em que a

oferecido, revelado, como coincidindo com a doutrina do sacerdote: como condição, enfim, de toda salvação e felicidade, nesta e na outra vida.” NIETZSCHE, 2008, §141, p. 99-100.

existência do povo judeu como nação foi ameaçada, este mesmo povo, por meio da interpretação sacerdotal, buscou se conservar de modo que a realidade natural fosse desvalorizada. Tal processo reativo, peculiar ao judeu, será prolongado no cristianismo histórico, o que o distinguirá do movimento liderado por Jesus.

Não vejo contra o que se dirigia a rebelião da qual Jesus Cristo foi entendido – ou *mal-entendido* – como sendo o causador, se não foi uma rebelião contra a Igreja judia, “Igreja” no exato sentido em que hoje tomamos a palavra. Foi uma revolta contra “os justos e bons”, contra “os santos de Israel”, contra a hierarquia da sociedade – *não* contra a sua corrupção, mas contra a casta, o privilégio, a ordem, a fórmula; foi a *descrença* nos “homens mais elevados”, o *não* pronunciado contra tudo que era sacerdote e teólogo. Mas a hierarquia que assim, embora apenas por um instante, foi posta em questão, era a palafita na qual, em meio à “água”, subsistia ainda o povo judeu, a *última* possibilidade, penosamente alcançada, de continuar, o *residuum* de sua existência política particular (NIETZSCHE, 2007, §28, p. 34).

Para o filósofo, Jesus significou um ataque, o *não* pronunciado contra o ideário sacerdotal. Entretanto, era Jesus consciente dessa oposição ou apenas foi percebido como representando esta? Nietzsche, ao levantar tal discussão toca o problema da “*psicologia do Redentor*”(NIETZSCHE, 2007, §28, p. 35): Como teria sido verdadeiramente a psicologia de Jesus Cristo? Sua resposta para essa questão é que “o tipo do redentor nos foi conservado apenas numa grande distorção” (NIETZSCHE, 2007, §31, p. 37). Ou seja, entende que os evangelhos, a primeira comunidade cristã deturpou o perfil do Redentor, deixando ou omitindo nele traços, fazendo prevalecer um perfil passivo, incapaz de resistência, a fim de tornar mais aceitável a figura do Mestre. Entre este homem *Jesus* e a religião nascida de seus seguidores, existem muitas diferenças (VALADIER, 1982, p. 291).

Sendo assim, parece que Nietzsche distingue em duas as compreensões de cristianismo. De um lado o de Jesus e, de outro, aquele que os eclesiásticos produziram (NIETZSCHE, 2007, §32, p. 39). A boa nova anunciada por Jesus consistiu exatamente em negar toda aquela doutrina eclesiástica judia. Todos aqueles preceitos e rituais foram negados. A partir de agora nenhuma fórmula, nenhum rito no trato com Deus é necessário, apenas uma nova conduta, pois “a vida do Redentor não foi senão *essa* prática – sua morte também não foi senão isso [...]” (NIETZSCHE, 2007, §33, p. 40). Dito conforme Belkiss Silveira Barbuy (2005, p. 108), o que Jesus teria ensinado se

reduziria a atitude perante a vida, a práxis. O que distinguiria os cristãos dos demais não seria a fé, mas o modo de agir; unicamente a prática de vida pode levar um homem a sentir-se divino. Percebe-se que o foco da crítica de Nietzsche não se dirige à pessoa de Jesus diretamente, mas a interpretação que fizeram dele, da sua mensagem. Aliás, paradoxalmente, deixa transparecer até um apreço à pessoa dele, ao afirmar que

Esse “portador da boa nova” morreu como viveu, como *ensinou – não* para “redimir os homens”, mas para mostrar” como se deve viver. A *prática* foi o que ele deixou para a humanidade: seu comportamento ante os juízes, ante os esbirros, ante os acusadores e todo tipo de calúnia e escárnio – seu comportamento na *cruz* (NIETZSCHE, 2007, §35, p. 42).

Importando-se, de fato, em questionar as interpretações que instituíram acerca do tipo psicológico de Jesus, Nietzsche nega como fonte plausível o próprio evangelho, pois, as tentativas de extrair de lá uma prova quanto ao perfil do Redentor é, segundo ele, uma execrável leviandade psicológica. Ou seja, entende que os evangelhos deturpam o perfil do Redentor, fazendo prevalecer um perfil passivo, incapaz de resistência. Um exemplo dessa distorção são os conceitos que Renan³, a partir dos evangelhos utilizou para explicar o tipo Jesus, a saber, o de gênio e o de herói. Para nosso autor, trata-se de duas qualidades inadequadas. Argumenta que o que realmente se encontra no evangelho é justamente o contrário de toda atitude heroica, como a beatitude na paz, na brandura, no não poder ser inimigo. Jesus não se adequaria a um herói, muito menos ao tipo de gênio.

Que tipo de homem seria Jesus? Em vez de herói e gênio, Nietzsche propõe caracterizar fisiologicamente Jesus de “idiota”⁴ (NIETZSCHE, 2007, §29, p. 36). Ademais, sua “‘boa nova’ é justamente que não mais existem oposições [...] que não se encoleriza, não repreende, não se defende: não traz a espada” (NIETZSCHE, 2007, §32, p. 38-39). Também não se encontra na sua boa nova “o conceito de culpa e castigo; nem o conceito de recompensa” (NIETZSCHE, 2007, §33, p. 40). Para Nietzsche, “nada

³ Ernest Renan (1823-92) foi um historiador francês, autor de uma célebre *Vida de Jesus* (1863). Como sugestão de leitura, indica-se a seção que Nietzsche dedica a Renan em **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**, IX, §2.

⁴Com tal palavra não se quer expressar uma ofensa. Trata-se de um termo do alemão erudito, usado desde a metade do século XVIII, para caracterizar o leigo, desprovido de refinamento científico ou artístico, mas também o indivíduo ‘original’, alheio à realidade prosaica dos negócios e afazeres. GIACOLA JÚNIOR, 1997, p. 73.

menos cristão que as *cruezas eclesiásticas* de um Deus como *pessoa*, de um “reino de Deus” que virá, de um “reino do céu” *além*, de um “filho de Deus”, a *segunda pessoa* da Trindade” (NIETZSCHE, 2007, §34, p. 41). Conforme o filósofo, o “reino do céu” é um estado do coração que está em toda parte e em nenhum lugar. Desse modo, Nietzsche entende que o centro do *kérigma* – anúncio – de Jesus não passa de uma experiência profundamente pessoal, interior e próprio daquele que buscou encerrar as distâncias entre Deus e o homem, de modo a superar todo o sentimento de ressentimento e de culpa. A experiência do amor ensinada por Jesus leva a compreender o reino intrínseco à própria vida.

Dessa análise resulta algo a ser destacado, a compreensão de Nietzsche acerca do cristianismo, particularmente do tipo psicológico de Jesus, está intrinsecamente conectada com sua filosofia do perspectivismo, ao reconhecer que conceitos utilizados pelo cristianismo são resultado do ambiente, da língua, da formação que no seu início lançou mão de conceitos judaico-semíticos. Qual a contribuição disso? Ora, trata-se justamente de perceber que o cristianismo transmitido há dois milênios não passa de uma perspectiva que se fez dominante e, conseqüentemente, se passou por uma verdade absoluta. No entanto, esta visão predominante se opõe àquilo que o próprio Jesus vivenciou. A própria prática de Jesus, a saber, em negar todos aqueles preceitos, rituais, enfim, toda aquela doutrina eclesiástica judaica, revela um cristianismo que possui laços de parentesco com o niilismo, isto é, um não pronunciado contra tudo o que era sacerdote e teólogo. A partir de agora nenhuma fórmula, nenhum rito no trato com Deus é necessário, apenas uma nova conduta, pois a vida do Redentor não foi senão *essa* prática, sua morte também não foi senão isso.

A partir disso, torna-se mais claro a crítica de Nietzsche em relação ao que se entendeu pelo cristianismo depois da morte de Jesus. “Somente nós, espíritos *tornados livres*, temos o pressuposto para entender algo que dezenove séculos entenderam errado” (NIETZSCHE, 2007, §36, p. 42). O que se entende hoje pelo cristianismo está em oposição ao que ele foi na origem.

De acordo com Nietzsche, a partir da morte de Jesus na cruz que aos poucos foi sendo construído um “novo” cristianismo: “a história do cristianismo – da morte na cruz em diante – é a história da má compreensão, gradativamente mais grosseira, de um simbolismo *original*” (NIETZSCHE, 2007, §37, p. 43). Por que a morte na cruz torna-

se um marco? Que mudanças ocorreram para que o cristianismo passasse a ser uma história má compreendida? Que cristianismo foi edificado a partir disso?

A morte de Jesus na cruz torna-se um sinal para a história do cristianismo na medida em que os discípulos não assimilam aquela morte – pendurado na cruz – como demonstração do distintivo cristão, isto é, como resultado de sua prática de vida. Ao contrário, começaram a interpretá-la como se nela houvesse uma necessidade, uma razão. Em busca de explicações para o ocorrido, levantam indagações como: “quem o matou? Quem era seu inimigo natural?” A resposta se dá imediatamente: “o judaísmo *dominante*, sua classe mais alta. Nesse instante sentiram-se em revolta contra a ordem, entenderam Jesus, em retrospecto, como *em revolta contra a ordem*” (NIETZSCHE, 2007, §40, p. 47). Tal leitura revela, segundo Nietzsche, que a pequena comunidade não compreendeu o que havia de exemplar naquela forma de morrer – liberdade – deixando-se predominar por um sentimento de ressentimento. Qual o efeito disso? “Precisamente o sentimento mais ‘inevangélico’, a vingança, tornou a prevalecer” (NIETZSCHE, 2007, §40, p. 47). Ao culpar o judaísmo dominante pela morte do Nazareno, os discípulos reestabeleceram o sentimento de ressentimento, abolido por Jesus com a doutrina da “boa nova”, dentro da primeira comunidade. Como impossibilidade de aceitar a crueldade dos acontecimentos, o ressentimento se coloca em busca de um sentido para este fato, mas exatamente na busca de um culpado por tal fato. Segundo Valadier, “O ressentimento se faz criador operando a reação como saída, já que a ação é impossível: cria uma interpretação que troca o sentido dos fatos, por não poder trocar os fatos mesmos” (VALADIER, 1982, p. 294).

O ressentido destaca-se pela sua incapacidade em suplantar as impressões passadas e, sobretudo, por desejar trazê-las à memória em decorrência da interiorização psicológica, o que implica na sua passividade perante as novas interações e, sobretudo, sua indisposição em expandir sua força vital afirmativa de vida. O sacerdote apresenta-se como sendo o exemplo do homem do ressentimento. Nesse sentido, a casta nobre-sacerdotal, diante da sua impotência para novas construções, passou a buscar um *culpado* a fim de que ela pudesse inculcar a responsabilidade de seu fracasso. Quando Nietzsche declara guerra à estrutura cristã organizada no Ocidente, o que ele pretende realmente com esse ato é questionar a validade daqueles ideais, petrificados de maneira absoluta. Nesse sentido, o filósofo toma a figura do sacerdote cristão, não mais como

aquele que faz jus do conceito do ressentimento, mas aquele que muda a sua direção, bem como promove a consolidação da culpa, visando, com essa estratégia, dominar, tornar-se senhor da vida mesma.

Encontrado o culpado, faz-se necessário uma reparação, um julgamento. Noutras palavras, os discípulos formulam um juízo sobre o culpado. Assim, o anúncio evangélico do “reino de Deus” torna-se um instrumento e um juízo ameaçador contra os culpados. Tal reino perde, assim, a atualidade de sua presença, para identificar-se como um estado final, o que virá a confundir o poder dos poderosos e a restabelecer a justa relação das coisas: de presença se converte em promessa, espera (VALADIER, 1982, p. 294-295).

Gradativamente, o evangelho vai sendo construído em oposição à vida e ao modo como Jesus ensinou. Noutros termos, com Cristo morreu o evangelho: o evangelho também ficou suspenso na cruz, ou melhor, transformou-se em igreja, em cristianismo, isto é, em ódio e ressentimento contra tudo o que é nobre e aristocrático.

A partir de então entra no tipo Redentor, passo a passo, a doutrina do julgamento e do retorno, a doutrina da morte como uma morte sacrificial, a doutrina da *ressurreição*, com a qual é escamoteado o conceito de “beatitude”, a única realidade do evangelho – em prol de um estado *posterior* à morte! (NIETZSCHE, 2007, §42, p. 49)

Aos poucos foi sendo construído um novo cristianismo, aquele inventado por Paulo. Como o tipo contrário ao “portador da boa nova”, “Paulo simplesmente deslocou o centro de gravidade de toda aquela existência *para trás* dessa existência – na *mentira* do Jesus ‘ressuscitado’. No fundo ele não tinha necessidade da vida do Redentor – precisava da morte *e* alguma coisa mais...” (NIETZSCHE, 2007, §42, p. 49). A crença na *ressurreição* fez com que o centro da vida fosse colocado não na vida, mas no além – no nada! Com isso, a morte tornou-se passagem, a via pela qual se tem acesso à verdadeira realidade e à plenitude transcendente da vida.

Visto que no cristianismo inventado o foco da vida se encontra em outra parte que não valoriza a existência mesma, pode-se dizer com Nietzsche que ele

[...] travou guerra mortal, desde os mais secretos cantos dos instintos ruins, a todo sentimento de reverência e distância entre os homens, ou seja, ao *pressuposto* de toda elevação, todo crescimento da cultura – com o

ressentiment [ressentimento] das massas forjou sua *principal arma* contra nós, contra tudo o que há de nobre, alegre, magnânimo na Terra, contra nossa felicidade na Terra... (NIETZSCHE, 2007, §43, p. 50)

O cristianismo considerou pecado tudo o que é valor e prazer na terra. Portanto, pode-se dizer que além de se opor ao cristianismo vivido por Jesus, o cristianismo inventado por Paulo também desemboca no niilismo. “Esse foi seu instante de Damasco: ele compreendeu que necessitava da fé na imortalidade para tirar o valor do ‘mundo’, que o conceito de ‘inferno’ ainda se tornaria senhor de Roma – que com o ‘além’ se *mata a vida...* Niilista e cristão: duas coisas que rimam, e não apenas rimam...”(NIETZSCHE, 2007, §58, p. 75). É considerando o cristianismo histórico em relação com o niilismo que se pode, para Nietzsche, apreendê-lo como negador da vida. Justamente em busca de elucidar o valor da vida, em afirmá-la em sua completude que o filósofo assume uma postura crítica ao atacar os fundamentos da moral, da religião, da ciência e da filosofia. Para Nietzsche o cristianismo é imbuído por um espírito de vingança e de rancor contra os fortes e os de naturezas nobres, revelando-se como instinto gregário que nega, deprecia e condena a vida em sua completude.

Conclusão

À guisa de conclusão, pode-se dizer que o cristianismo enquanto continuador do instinto judeu foi o responsável pelo cultivo do homem fraco, o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem. O cristão, para Nietzsche, é aquele que renega os próprios instintos, que é incapaz de grandes paixões. Aquele que imbuído pelo sentimento de vingança, diz não a todo tipo de homem forte, poderoso, vencedor da vida, para dizer sim às suas deficiências, à sua pequenez, afirmando-os como valores máximos do homem. Em outras palavras, o cristianismo é criticado como aquele que inverte os valores centrados na vontade de poder, invertendo, portanto, a tábua dos valores vitais, afirmativos dessa vontade. Todavia, essa inversão foi efetivada por um cristianismo falsificado em relação ao seu fundador, por aquele que se opôs à vida e ao modo como Jesus ensinou, Paulo. Para Nietzsche, ser cristão não comporta a assunção imediata de conteúdos doutrinários que se encontram além da capacidade humana de

compreendê-los, mas de um fazer, de uma práxis concreta da vida, um ser de outro modo, tal como viveu Jesus. A fé se dirige apenas àquilo que Jesus pregou – a boa nova.

Posto isso, pode-se dizer que a crítica de Nietzsche à religião cristã não se configura diretamente como uma crítica religiosa propriamente dita, ou seja, enquanto uma religião que deve ser combatida em seus dogmas. O problema religioso se mostra como uma espécie de hermenêutica da dimensão cultural da existência humana, à qual co-pertencem a ética e a religião. No horizonte do pensamento filosófico nietzschiano a religião possui um sentido oculto que carece de investigação. Noutros termos, a questão religiosa em Nietzsche trata-se, no fundo de problemas bem mais abrangentes, sobretudo para o campo investigativo filosófico, do que meramente promover o ateísmo ou a descrença. Considerar isso evita qualquer tipo de desprezo e redução do pensamento nietzschiano a sistema dominado por algumas fórmulas violentamente anticristãs. Mas também se abre espaço para indagar a respeito da fé em Nietzsche, já que o cristianismo é uma religião que sobrevive da fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBUY, B. S. **Nietzsche e o cristianismo**. São Paulo: GRD, 2005.

GIACOIA JUNIOR, O. **Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A vontade de poder**. Trad.: Marcos Sinésio P. Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos, ou como se filosofa com o martelo**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALADIER, P. **Nietzsche y la critica del cristianismo**. Madrid: EicionesCristiandad, 1982.